



# Para a história do ‘verbo auxiliar’ e da ‘perífrase verbal’ no discurso metalinguístico do Português publicado entre 1536 e 1870

Maria Helena Pessoa Santos<sup>1,2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Quinta de Prados, 5000-801, Vila Real, Portugal. <sup>2</sup>Centro de Linguística Geral e Aplicada, Universidade de Coimbra, Paço das Escolas, 3004-531, Coimbra, Portugal. E-mail: mhpeessoasantos@gmail.com

**RESUMO.** Serve o presente artigo o objetivo de contribuir para a história do ‘verbo auxiliar’ e da ‘perífrase verbal’ na metalinguagem do Português em textos publicados entre 1536 e 1870. Baseia-se nos pressupostos teóricos da Linguística Histórica e observa o princípio metodológico que se prende com o respeito pela terminologia adotada pelos autores das obras escrutinadas, relativamente à qual se procurou manter uma equidistância epistemológica suscetível de garantir a descrição e a explicação objetivas, sempre que possível, dos factos (meta)linguísticos.

**Palavras-chave:** auxiliabilidade; perífrase verbal; terminologia; Linguística Histórica.

## For the history of ‘auxiliary verb’ and ‘verbal periphrasis’ in the metalinguistic discourse of Portuguese published between 1536 e 1870

**ABSTRACT.** This paper is intended to contribute to the history of the ‘auxiliary verb’ and ‘verbal periphrasis’ in the history of the metalanguage of Portuguese in texts published between 1536 and 1870. It is based on the theoretical assumptions of Historical Linguistics and observes the methodological principle related to respect for the terminology adopted by the authors of the scrutinized works, in relation to which an attempt was made to maintain an epistemological equidistance capable of guaranteeing the accurate description and explanation, whenever possible, of the (meta)linguistic facts.

**Keywords:** auxiliary; verbal periphrasis; terminology; Historical Linguistics.

Received on March 31, 2023.  
Accepted on November 29, 2023.

### Introdução

É nosso objetivo contribuir para a história da sistematização, em instrumentos metalinguísticos do Português, do conceito adstrito à designação de ‘perífrase verbal’,<sup>1</sup> partindo do princípio de que se relaciona diretamente com a formatação sintática de conteúdo proposicional, bem como do(s) conceito(s) adstrito(s) ao correspondente termo meronímico de ‘verbo auxiliar’.

Estabelecemos balizas temporais, cujo termo *a quo* é o ano de 1536, data da publicação do primeiro e pioneiro instrumento metalinguístico do Português escrito em língua portuguesa por um português, o aveirense Fernão de Oliveira (1507- ca 1581), constituindo o termo *ad quem* o ano de 1870, em que sai do prelo uma obra glotológica da lavra de Augusto Epiphanyo da Silva Dias (1841-1916), que, então, enceta, no que ao estudo da sintaxe da língua portuguesa diz respeito, um ciclo novo, porque sustentado na observação sincrónica dos factos da língua, encarada como um organismo dinâmico – dotado, portanto, de variação –, na fundamentação histórica desses factos, na sua análise comparativa com factos homólogos de outras línguas indo-europeias (do ramo românico e do ramo germânico) e na reflexão metalinguística informada pelos resultados obtidos pelos propugnadores da adoção sistemática do método comparativo e histórico.

Selecionámos dois tipos de *corpus*: um *corpus* lexicográfico de que consta uma obra representativa da fase de transição da dicionarística latino-portuguesa para o dicionário monolíngue do Português que marca o início da lexicografia moderna em Portugal, bem como as duas primeiras edições deste último; e um *corpus* gramaticográfico.

<sup>1</sup> Não obstante as diferenças conceptuais com que nos deparamos, hoje, seguimos o conceito abrangente de ‘perífrase verbal’ exposto por Raposo (2013).

## O que dizem lexicógrafos de referência

Após termos encontrado as entradas latinas “Periphrasis [...]” e “Auxiliaris, e”<sup>2</sup> no *Dictionarium latinolufitanicum [et] vice versa lufitanico latinũ*, da autoria de Jerónimo Cardoso (ca 1510-1569), publicado entre 1569 e 1570, centrámo-nos no *Vocabulario portuguez, e latino* de Raphael Bluteau (1638-1734), dado ao prelo, em dez volumes, entre 1712 e 1728, no qual identificámos verbetes de interesse significativo para o nosso objeto de estudo (Tabela 1).

**Tabela 1.** Verbetes selecionados da lavra de Bluteau

---

<p>“CIRCUNLOCUÇAM. Circunlocuçãõ. Rodeo de muytas palavras, para explicar, o que fe podera dizer em huma, ou duas. [...] Tambem fe pôde chamar <i>Circunlocutio, onis. Fem.</i> À imitação de Quintiliano. <i>Periphrasis</i>, naõ signfica todo o genero de circunlocuçãõ, mas huma circunlocuçãõ figurada, &amp; que dá graça, &amp; força, ao que fe diz. [...]” (Bluteau, 1712b, p. 326, col. 1-col.2).</p> <p>“CIRCUNLOQUIO. Circunlóquio. <i>Vid.</i> Circunlocuçãõ. Agora acabais de vos explicar com clareza, não ufaftes de circunlóquios. [...]” (Bluteau, 1712b, p. 326, col. 2).</p> <p>“PERÎPHRASIS. He palavra Grega, que val o mefmo que Rodeyo de palavras. E às vezes he figura Rhetorica, que declara com muitas palavras o que fe podera exprimir com poucas. <i>Periphrasis, is Fem. Circumlocutio, onis. Fem. Loquendi ambitus, us. Masc.</i> Todas eftas palavras faõ de Quintil. no cap. 6 do livro 8. [...]” (Bluteau, 1720a, p. 432, col. 1).</p> <p>“RODEO, ou Rodeyo. [...] Rodeyo de palavras. <i>Loquendi ambitus. Quintil. Circuitus verborum. Cic. Circuitio, onis. Fem. Cic. Anfractus orationis. Cic.</i> Difcurfo breve, &amp; fem rodeyos de palavras. [...]” (Bluteau, 1720b, p. 358, col. 2- 359, col. 1).</p> <p>“VERBO. [...] Verbo. (Termo Grammatical.) Parte da oração, que significa algũa operação activa, ou paffiva, e fe conjuga por tempos, &amp; modos. [...] § Verbo auxiliar. O que ferve de acompanhar os verbos activos, &amp; paffivos, como no idioma Portuguez ‘Ter’, &amp; ‘Ser’. <i>Verbum auxiliare.</i> [...]” (Bluteau, 1721, p. 419, col. 1, grifo do autor).</p> <p>“AUXILIAR, Auxiliár. [...] Auxiliar. (Termo Grammatical) Verbo ‘auxiliar’. Aquelle, que ajuda os outros verbos na conjugação delles, como na lingoa portugueza, <i>Ter</i>, &amp; <i>Ser</i>; porque fem eftes dous verbos não terião os outros mais que tres tempos, a faber, Prefente, Imperfeyto, &amp; Futuro. <i>Verbum auxiliare</i>” (Bluteau, 1712a, p. 686, col. 2; 687, col. 1, grifo do autor).</p> <p>“TER. Quando em Portuguez he verbo auxiliar, <i>id est</i>, quando ajuda a conjugação de outros verbos, algũas vezes fe exprime em Latim com o verbo <i>Habeo</i>. [...] Ter. § Muitas vezes precede infinitivos com a prepofição, ‘Que’, v. g. Ter que fazer, Ter que dizer, &amp;c. E neste cafo tambem he ufado em Latim o verbo <i>Habeo</i>. Não tenho que efcrevervos no tocante à Republica. <i>De Republica, nihil habeo ad te scribere.</i> ‘Cic.’ Eftas mais, ou menos faõ as objecções que eu tinha que propor fobre a natureza dos Deofes. <i>Hæc ferè objicere habui de natura Deorum.</i> ‘Cic.’ Que temos nós que dizer no particular dos noffos fonhos? <i>De fomniis noftris quid habemus dicere?</i> ‘Cic.’ [...]” (Bluteau, 1721, p. 102, col. 2-103, col. 1, grifos do autor).</p> <p>“SER. O Infinitivo do verbo fubftantivo, &amp; auxiliar. [...]” (Bluteau, 1720b, p. 598, col. 2).</p> <p>“HIR, ou Ir [...] § Hir, (quando junto com outro verbo, tem lugar de ‘verbo auxiliar’.) Hirfe deitar” (Bluteau, 1713 [F-J-I], p. 36, col. 1 e col. 2, grifo nosso).</p>
---

---

Fonte: Bluteau (1712a, 1712b, 1713, 1720a, 1720b, 1721)

Com efeito, “[...] [apesar] de não ser monolíngue e de nem toda a informação ser pertinente para o estudo do português, entre os dicionários antigos [este] é o que reúne a maior quantidade de texto em vernáculo” (Silvestre, 2008, p. 10), constituindo “[...] o ponto de referência fundamental para compreender um processo de renovação da descrição da língua, da tipologia dos dicionários e das funções que os leitores atribuíam a estes instrumentos metalinguísticos” (Silvestre, 2008, p. 7).

Relativamente ao nosso objeto de estudo, Bluteau apresenta as designações de ‘circunlocução’ e ‘circunlóquio’ como portadoras do conceito geral de ‘rodeio de palavras’, suscetível de comprometer o que, por meio da proposta de Herbert-Paul Grice, atualmente, associamos, à máxima de modo/maneira e até mesmo à máxima da quantidade, enquanto componentes integrativos do princípio de Cooperação conversacional.

Curiosamente, Bluteau apresenta a ‘perífrase’ como apenas um ‘género de circunlocução’,<sup>3</sup> parecendo equivaler a uma figura de retórica, designadamente, “[...] quando um escritor exprime o que o céu é por meio de uma expressão analítica como: ‘a abóbada azul’ (perífrase poética)” (Marouzeau, 1961, p. 172, grifo do autor, tradução nossa)<sup>4</sup>. Talvez por essa razão alguns dos primeiros gramáticos da língua portuguesa tenham preferido os termos ‘rodeio’ ou ‘circunlóquio’ para referirem o que veio a ser designado, em Português, por ‘locução verbal’, ‘construção perifrástica’ ou ‘perífrase verbal’.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> “Periphrasis, idest, circum locutio” (1569/1570, p. 167, col. 2). “Auxiliaris, e” (1569/1570, p. 24, col. 1). A consulta da obra mencionada de Hieronymũ Cardofum (Jerónimo Cardoso), disponibilizada, em versão PDF, pela Biblioteca Nacional de Portugal, não dispensou o recurso ao Corpus Lexicográfico do Português, em <http://clp.dlc.ua.pt/DIClweb>, mais exatamente, a <http://clp.dlc.ua.pt/DIClweb/default.asp?url=Concordancias&opcao=multitexto>.

<sup>3</sup> “O fenómeno linguístico que a perífrase verbal supõe, isto é, a união de uma palavra que perde, total ou parcialmente, o seu sentido concreto originário com outra que conserva o seu valor conceptual, modificado pelo valor mais ou menos funcional que a primeira passou a adquirir, não é exclusivo do verbo” (Roca Pons, 1958, p. 11, trad. port. nossa). [“El fenómeno linguístico que supone la perífrasis verbal, o sea, la unión de una palabra que pierde total o parcialmente su sentido concreto originario con otra que conserva su valor conceptual, modificado por el valor más o menos funcional que ha pasado a adquirir la primera, no es exclusivo del verbo.”] Isso sucede também na língua portuguesa.

<sup>4</sup> Eis o trecho original: “[...] quand un écrivain rend l’idée du ciel par une expression analytique telle que: ‘la voûte azurée’ (périphrase poétique)”.

<sup>5</sup> É digna de relevo a distinção entre ‘locução verbal’ e ‘perífrase verbal’ proposta por Alzamora (2018).

No âmbito do verbete dedicado ao ‘verbo’ e na entrada ‘auxiliar’,<sup>6</sup> Bluteau regista a existência de dois ‘verbos auxiliares’ em Português, ‘ter’ e ‘ser’, sobre os quais afirma servirem para ajudar a conjugar os outros verbos na voz ativa e na voz passiva.

No verbete respeitante ao verbo ‘ser’, o que de relevante parece observar, quanto ao assunto em pauta, é, por um lado, o facto de ser utilizado como ‘verbo substantivo’ – enfileirando numa tradição racionalista herdada da metalinguagem do Latim por meio de Prisciano (fl. 520-540) – e, por outro lado, a necessidade de ser usado como ‘verbo auxiliar’: o lexicógrafo distingue, assim, duas categorias.

Já no atinente ao verbo ‘ter’, apresenta a sua utilidade, enquanto ‘verbo auxiliar’, na construção de tempos de outros verbos. Exibe, ainda, num parágrafo imediatamente posterior, uma outra construção, ‘ter + que + infinitivo impessoal’, de que fornece usos ilustrativos (alguns dos quais transcritos na Tabela 1) que merecem uma consideração diferenciada. Um desses usos parece equivaler a estruturas bioracionais organizadas por hipotaxe, a saber, (i) ‘ter [algo] que fazer/dizer’ ou (ii) ‘ter [algo] a/para fazer/dizer’, e suscetíveis de veicular uma mesma intenção comunicativa: talvez por isso o autor classifique o elemento linguístico ‘que’ como uma forma de ‘preposição’, quando, afinal, na estrutura exemplificativa do uso construcional em causa, se torna evidente constituir, antes, uma forma de ‘pronome relativo’. Quanto aos outros dois usos do verbo ‘ter’ (o penúltimo e o último constantes do verbete em causa, na Tabela 1) – aliás, de acordo com os textos-fonte latinos que originam a tradução dos exemplos portugueses –, suscitam uma leitura de modalidade tendencialmente deôntica e de combinação do valor de modalidade tendencialmente deôntica com o de futuridade<sup>7</sup>, respetivamente.

Interessante é verificar, entretanto, que um verbo não previsto nos verbetes das entradas mais diretamente remissíveis para os termos em causa – ‘ir’ –, seja classificado como ‘verbo auxiliar’ quando seguido de infinitivo impessoal, não sendo, porém, explicitado o valor temporal (de futuro) que se lhe associa no âmbito da perífrase verbal que integra no exemplo aduzido.

Analisámos, depois, as duas primeiras edições do *Diccionario da lingua portugueza* publicadas, em 1789<sup>8</sup> e em 1813, respetivamente, por Antonio de Moraes Silva (1755-1824), das quais também extraímos verbetes pertinentes (Tabela 2).

Embora tenha tido por base a obra de Bluteau, Moraes Silva “[...] [recriou], a partir dos 10 imponentes volumes barrocos, uma obra com originalidade, coerência e sentido prático, em que, após uma elaborada ‘reciclagem’, terá sido aproveitada cerca de 30% da informação” (Verdelho, 2002, p. 476). Mais: “[...] apenas 5%, ou talvez menos, dos artigos do *Dicionário* [foram] integralmente retomados de Bluteau [...]”, havendo o restante *corpus* “[...] [sido] retextualizado, reduzido, aumentado ou parcialmente reescrito”. Para além disso, Moraes Silva introduziu “[...] uma técnica metalexical que [foi] progressivamente integrando a informação gramatical, a análise do espectro semântico, o esclarecimento dos usos, sem deixar de explorar a textualização autorizada” (Verdelho, 2002, p. 476-477).

Tabela 2. Verbetes selecionados da lavra de Moraes Silva

“CIRCUNLOCUÇÃO, f. f. perífrase, rodeio de palavras para fe dizer huma coifa, que se podéra dizer com hum fó vocabulo [...]” (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 275, col. 2).

“CIRCUNLOCUÇÃO, s. f. Perífrase, rodeio de palavras para se dizer uma coisa, que se podéra dizer com um só vocabulo. ‘Costa’” (Silva, 1813, Tomo Primeiro, p. 399, col. 2, grifo do autor).

“CIRCUNLOQUIO, f. m. circunlocução. [...]” (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 275, col. 2).

“CIRCUNLÓQUIO, s. m. Circunlocução. ‘Carta de Guia’” (Silva, 1813, Tomo Primeiro, p. 399, col. 2, grifo do autor).

“PERÍFRASE v. Periphrafe” (Silva, 1789, Tomo Segundo, p. 188, col. 2).

“PERÍFRASE. V. ‘Periphrase’. Hoje escrevemos ‘perífrase’, evitando o ‘ph’” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 434, col. 2, grifos do autor).

“PERIPHRASE, f. f. figura Rhetorica, que confíte em dizer-fe por mais palavras o que fe póde declarar por huma fó v. g. „aquelle que governa o Chriftallino polo”, ‘em vez de’ Jove. [...]” (Silva, 1789, Tomo Segundo, p. 189, col. 2, grifos do autor).

“PERÍPHRASE, s. f. Figura Rhetorica, que consiste em dizer-se por mais palavras, o que se póde declarar por uma só: v. g. ‘Aquelle,

<sup>6</sup> Em 1793, o verbete da entrada ‘auxiliar’ ocorrente no primeiro e único volume – dedicado à letra A – do *Diccionario da lingua portugueza* publicado pela Academia Real das Ciências de Lisboa, em 1793, sob a responsabilidade de Pedro José da Fonseca (1737-1816), de Bartolomeu Inácio Gorge (século XVIII-século XIX) e de Agostinho José da Costa de Macedo (1745-1822), limita-se a resumir a definição de Bluteau, sendo o leitor remetido para a obra deste autor: “AUXILIAR. Adj. [...] Verbo auxiliar. ‘Gramm. O que ferve para conjugar os outros.’ Blut. Vocab.” (Academia das Ciências de Lisboa, 1793, p. 534, col. 2, grifo do autor).

<sup>7</sup> Sobretudo a propósito do último exemplo indicado na Tabela 1, torna-se relevante a observação de Fleischman (1982, p. 113, grifo da autora, tradução. nossa): “Nos textos latinos tardios, a sintaxe da construção *habeo* + infinitivo não era fixa: o ‘auxiliar’ podia preceder (*habere cantare*) o infinitivo. Quando preposto ao infinitivo, podia ocorrer sozinho ou acompanhado das preposições *ad* ou *de*, ambos morfemas gramaticais vazios. Todas estas estruturas prepostas deixaram vestígios nas línguas românicas, os quais se mantiveram analíticos [...]” [O texto original reza: “In Late Latin texts the syntax of the *habeo* + infinitive construction was fluid: the ‘auxiliary’ could either precede (*habeo cantare*) or follow (*cantare habeo*) the infinitive. When preposed to the infinitive it could occur either alone or together with the prepositions *ad* or *de*, both empty grammatical morphemes. All of these preposed structures left traces in Romance which have remained analytic [...]”] “Entre os idiomas românicos padrão, é precisamente em Português que o reflexo de *habeo ad/de cantare* mais progride no trajeto da modalidade para a futuridade” (Fleischman, 1982, p. 176, nota 19, trad. port. nossa; cf. Nunes, 1989; cf. Alzamora, 2018). [Segue o trecho original: “Among the standard Romance idioms it is precisely in Portuguese that the reflex of *habeo ad/de cantare* has progressed the furthest along the path from modality to futurity”.]

<sup>8</sup> Antonio de Moraes Silva, por motivos que nos são em parte desconhecidos, secundarizou generosamente o seu nome sob a tutela de Rafael Bluteau [...]. (Verdelho, 2002, p. 475.) Ele “[...] trabalhou obviamente sobre o *Vocabulário* de Bluteau e aproveitou de maneira sistemática grande parte da nomenclatura e muitas definições da obra do teatinho. Fez, até certo ponto, o que todos os dicionaristas não podem deixar de fazer ao retomar e renovar a nomenclatura dos seus predecessores [...]” (Verdelho, 2002, p. 476). Pode, por isso, dizer-se que, por ter produzido “[...] obra muito nova e própria sua”, “[...] tinha suficiente justificação para afirmar a autoria” (Verdelho, 2002, p. 476).

que governa o christallino Polo’, em vez de ‘Jove’. *Eneida*, II. 185. [...]” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 435, col. 2, grifos do autor).

Continua...

Continuação...

“PERIPHRAISIS v. periphrafe” (Silva, 1789, Tomo Segundo, p. 189, col. 2).

“PERÍPHRASIS. V. ‘Periphraze’” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 435, col. 2, grifo do autor).

“RODEIO, f. m. (ou antes ‘rodeio’) volta no caminho, retirando-fe da estrada mais breve. [...] § ‘Rodeio de palavras’, circunlocução, ambages. [...]” (Silva, 1789, Tomo Segundo, p. 353, col. 1, grifos do autor).

“RODÊO, s. m. (ou antes ‘rodèyo’) volta no caminho, retirando-se da estrada mais breve. [...] § ‘Rodeio de palavras’, circunlocução, ambages. [...]” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 638, col. 2, grifos do autor).

“CIRCÚITO, s. m. [...] § Circunloquio, rodeyo, periphraze. ‘explica por termos proprios, e não por ‘circuitos’ ‘Severim’, *Disc. 2*” (Silva, 1813, Tomo Primeiro, p. 398, col. 2, grifos do autor).

“VERBO, f. m., parte da oração com que declaramos a percepção da alma, ou os feus defejos, e juntamente o attributo do fujeito, a peffoa delle, o tempo da existencia do attributo, &c. v. g. amo, que val ‘eu, fou amante’, ama, ou, sè amante [...]” (Silva, 1789, Tomo Segundo, p. 518, col. 2, grifo do autor).

“VÉRBO, s. m., Parte da oração com que declaramos o que a nossa alma julga, das coisas e dos attributos, que lhe pertencem ou não; v. g. quando dizemos, ‘Deus é summamente bom’; ‘a neve é fria’, ‘é insofrivel’: e tambem os desejos que temos de algum sujeito tenha tal, ou tal attributo; v. g. ‘filho sè honrado, e virtuoso’. Muitos verbos incluem na sua significação juntamente o attributo do sujeito, a pessoa delle, o tempo da existencia do attributo, &c. v. g. ‘amo’, que val, ‘eu sou amante’, ‘ama tu’ ou ‘sè amante’. § ‘Verbo activo’ [...]. ‘Verbo passivo’ [...] em Portuguez não temos d’estes verbos. ‘Verbo neutro’ [...] § ‘Verbo reflexo’ [...]” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 842, col. 2-843, col. 1, grifos do autor).

“AUXILIAR, adj. [...] § ‘Verbo auxiliar na Grammatica’, aquelle com que suprimos as variações fimples, que faltão a alguns verbos; são auxiliares os verbos de existencia como v. g. ‘fer, eftar’, e os de poffessão como ‘ter’, ‘haver’, por que o mefmo he dizer-fe, que existe em alguma coifa algum attributo, ou que ella o poffue. Aos taes verbos fe ajuntão os participios e gerundios dos verbos, cujas variações faltão v. g. ‘eftou escrevendo’, ‘eftive escrevendo’, ‘tenho escrito’, ‘havia feito’. Por efte modo fuprimos huma especie de verbos, que ha em outras linguas, chamados paffivos, dizendo v. g. ‘fou amado’, em lugar de ‘amor’, que em latim fignifica o mefmo (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 153, col. 1, grifos do autor).

“AUXILIÁR, adj. [...] § ‘Verbo auxiliar, na Grammatica’; aquelle com que fuprimos as variações fimples que faltão a alguns verbos: são ‘auxiliares’ os verbos de existencia, como, v. g. ‘Ser’, ‘Eftar’; e os de poffessão, como ‘Ter’, ‘Haver’; porque o mesmo é dizer-se, que existe em alguma coisa algum attributo, ou que ella o poffue. Aos táes verbos se ajuntão os participios, e gerundios dos verbos, cujas variações faltão: v. g. ‘estou escrevendo’, ‘estive escrevendo’, ‘tenho escrito’, ‘havia feito’. Por este modo suprimos uma especie de verbos, que há em outras Linguas, chamados passivos, dizendo, v. g. ‘sou amado’, em lugar de ‘amor’, que em Latim significa o mesmo (Silva, 1813, Tomo Primeiro, p. 234, col. 2-235, col. 1, grifos do autor).

“HAYER, v. n. exiftir [...] § Poffuir, ter nefte fentido parece antiquado fenão he quando o ufamos com os participios, o que tambem já não he mui frequente, porque dizemos tenho comprado, e não hei comprado, &c. [...]” (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 679, col. 1).

“HAVÈR, v. at. [...] §. Poffuir, ter: neste sentido parece antiquado, se não é quando o usamos com os participios; o que tambem já não é mui frequente, porque dizemos: ‘tenho’ comprado, e não ‘hei’ comprado, &c.” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 112, col. 1 e col. 2, grifos do autor).

“IR, v. n. [...] § Efte verbo com o gerundio denota a continuação, & imperfeição da acção fignificada pelo gerundio v. g. ‘vai-fe pondo o Sol’; ‘os livros vão-fe vendendo’; ‘inda vão caminhando’” (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 736, col. 2, grifos do autor).

“ÍR, v. n. [...] §. Este verbo com o gerundio denota a continuação, & imperfeição da acção fignificada pelo gerundio: v. g. ‘vai-se pondo o Sol’; ‘os livros vão-se vendendo’; ‘inda vão caminhando’” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 180, col. 2; p. 181, col. 1, grifos do autor).

“TER, v. at. poffuir, confervar em feu poder aquillo de que he fenhor, occupar lugar [...]” (Silva, 1789, Tomo Segundo, p. 452, col. 2-p. 453, col. 1).

“TÈR, v. at. Poffuir, conservar em feu poder aquillo de que he fenhor, occupar lugar [...]” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 766, col. 2-p. 767, col. 1).

“SER, v. n. exiftir [...]. Deste verbo ufamos para affirmar, ou negar, que hum attributo existe em o fujeito [...]; ou que hum fujeito pertence a alguma especie, e tem os attributos della [...]” (Silva, 1789, Tomo Segundo, p. 394, col. 1).

“SÈR, v. n. Existir [...]. Deste verbo usamos para affirmar, ou negar, que hum attributo existe em o sujeito [...]; ou que hum sujeito pertence a alguma especie, e tem os attributos della [...]” (Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 690, col. 2).

“ESTAR, v. n. achar-fe prefente, em algum lugar [...]” (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 560, col. 2-561, col.1).

“ESTÁR, v. n. Achar-se presente em algum lugar [...]” (Silva, 1813, Tomo Primeiro, p. 772, col. 2-773, col.1).

Fonte: Silva (1789, 1813).

No que diz respeito aos verbetes das entradas ‘circunlocução’, ‘circunlóquio’, ‘rodeio’ e ‘perífrase’, Moraes Silva não apresenta propriamente diferenças relativamente às anteriores descrições de Bluteau, tornando, antes, claro o facto de a ‘perífrase’ constituir um ‘género de circunlocução’, uma vez que, quer em 1789, quer em 1813, define esse termo como ‘figura de retórica’. Tal especialização de significado parece diluir-se, porém, no âmbito da segunda parte – não ocorrente na edição de 1789 – da descrição do termo ‘circuito’.

No seio do verbete dedicado ao ‘verbo’, não prevê explicitamente a existência de verbos auxiliares, muito embora, sob a entrada ‘auxiliar’, os mencione: ‘ser’, ‘estar’, ‘ter’ e ‘haver’, os quais são percecionados como servindo, juntamente com os participios e gerúndios, para suprir variações, inexistentes em “[...] alguns verbos” (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 153, col. 1; Silva, 1813, Tomo Primeiro, p. 234, col. 2), destinadas à expressão do tempo, do aspeto e da voz passiva analítica.

Sob as entradas dos verbos ‘ser’, ‘estar’ e ‘ter’, não inclui, todavia, qualquer consideração atinente à auxiliaridade desses verbos, infletindo, assim, o caminho metalinguisticamente encetado, nos casos de ‘ser’ e ‘ter’, por Raphael Bluteau.

É digna de nota a observação relativa ao verbo ‘haver’ numa passagem do verbete respeitante a uma segunda entrada, em 1789, e a uma única entrada, em 1813, desse verbo, que não é apresentado como auxiliar, não obstante contribua para a formação de um tempo composto: Moraes Silva observa que o uso do verbo ‘haver’ acompanhado de um verbo marcado pelo que, hoje, designamos por ‘particípio passado’ estava, à época, a tornar-se pouco frequente, tendendo o verbo ‘haver’ a ser substituído, nesse uso, por ‘ter’. Naturalmente, ainda que deixe em aberto as hipóteses de construção, exemplifica com o que consideramos constituir o tempo pretérito perfeito composto do modo indicativo, surgindo o verbo ‘haver’ marcado pela 1.<sup>a</sup> pessoa e pelo tempo presente. Esta é uma construção perifrástica não atualizável hoje, mas tê-lo-á sido, segundo o registo metalinguístico em causa, até depois de 1813.

Nada despiciendo é o tratamento dado ao verbo ‘ir’, pois, se Bluteau o apresenta explicitamente como ‘auxiliar’ de um verbo de infinitivo impessoal, que assumiria um valor – não indicado – de tempo futuro, Moraes Silva apresenta-o, enquanto seguido de gerúndio, para a veiculação de um valor aspetual de “[...] continuação e imperfeição da ação significada pelo verbo marcado pelo gerúndio [...]” (Silva, 1789, Tomo Primeiro, p. 736, col. 2; Silva, 1813, Tomo Segundo, p. 181, col. 1), o que permite deduzir o cariz auxiliar, também não explicitado, do verbo ‘ir’, por associação com o apontado pelo autor a propósito do verbo ‘estar’ quando igualmente acompanhado de um outro verbo marcado por gerúndio.

É, todavia, importante realçar o facto de o lexicógrafo Moraes Silva, em 1789 e em 1813, considerar que os ‘verbos auxiliares’ mantêm o seu significado pleno e, conseqüentemente, a sua categorização de cariz semântico (‘verbo neutro’ ou ‘verbo ativo’) na sua formatação no âmbito de uma estrutura sintática.

## O que dizem vários gramáticos

### Século XVI

Em 1536, Fernão de Oliveira usa o termo “[...] verbo auxiliar», que define como “[...] o Verbo, que ajuda os demais a formar os feus tempos [...]” (Oliveira, 2000, p. 62), a saber, “[...] ser e ter ou haver” (Oliveira, 2000, p. 63). O autor acrescenta informação apenas relativamente ao verbo ‘ser’, mediante o intento de justificar a sua aplicação com tal estatuto: “Ser, he verbo auxiliar; porque ajuda os Verbos activos a formar os feus tempos Paffivos” (Oliveira, 2000, p. 62-63).

Não obstante, não tenha detetado, na *Gramática* publicada por João de Barros (1496-1570) em 1540, o termo ‘auxiliar’, aplicado ao verbo, é certo que afirma que, “[...] porque nam temos vérbos da vóz passiva, soprimos este defeito per rodeo (como os Latinos fázem nos tempos [em] que lhes faléçe a vóz passiva), com este vérbo, ‘sou’, e um particípio do tempo passádo” (Barros, 1971, p. 326, grifo do autor). Entende, ainda, que o verbo ‘haver’ pode ter ‘ofícios’ diferentes: serve de ‘verbo neutro’, quando “[...] se ajunta com nome [...]” (Barros, 1971, p. 327-328), e serve para suprir o correspondente ao ‘particípio futuro’ latino, seguindo-se de infinitivo preposicionado (Barros, 1971), configurando, assim, o que chama de “Tempo Vindoiro per rodeo” (Barros, 1971, p. 339, grifo do autor). Considera que também o verbo ‘ter’ serve para suprir por rodeio, ou “[...] circunlóquio [...]”, tempos do passado: “Tempo Passádo per rodeo” (Barros, 1971, p. 339, grifo do autor). Segundo o gramático, ‘ter’ e ‘haver (de)’ são usados para a formação de tempos compostos de modos verbais diferentes (cf. Barros, 1971, p. 339-340). Não podemos esquecer-nos de que o autor inclui nos chamados ‘tempos compostos’ perífrases verbais que, incluindo ‘haver’ + de + infinitivo, transportam uma combinação de um valor de tempo futuro com um valor de modalidade (dependente do contexto de enunciação).

Em conclusão, Fernão de Oliveira identifica a existência, em Português, de verbos auxiliares para ajudar a configurar tempos de verbos na voz ativa e na voz passiva, deduzindo-se que não despercebe o facto de se construírem expressões com elementos linguísticos estreitamente associados entre si para veicular valores de tempo e de voz. Por seu turno, João de Barros dá conta, ainda que de forma metalinguisticamente mais explícita e pormenorizada, dos mesmos factos linguísticos, preferindo registar o resultado da integração dos verbos que Oliveira classifica como auxiliares: ‘tempo por rodeio’, ou ‘circunlóquio’. Também é significativo o facto de João de Barros estabelecer, com clareza, a distinção categorial entre ‘verbo neutro’ e ‘verbo auxiliar’, não distinguindo, contudo, ‘tempos compostos’ de construções perifrásticas que deles se diferenciam.

## Século XVII

Em 1606, Duarte Nunez de Lião (fl. 1530-1608) distingue, no ‘verbo’, três vozes – a ativa, a impessoal e a passiva –, afirmando que a língua portuguesa carecia das duas últimas, “[...] porque o que hauiaõ de dizer per fuas palavras directas, & extendidas como fazem os latinos, & os Gregos, o dizem por circumloquios, & arroteos de vozes empreftadas do verbo fubftantivo fou, es, quaes haõ mifter” (Lião, 1606, p. 117-118). Embora considere um circunlóquio a constituição da chamada ‘voz impessoal’ “[...] com as terceiras peffoas do verbo activo do mefmo tempo, & modo, & com efte pronome, fe, dizendo fem, demonftração de peffoa algũa amafe, correfe [...]” (Lião, 1606, p. 118), era – independentemente do que se entendia por ‘verbo substantivo’ – em especial à voz passiva que se referia: “A voz pafsiva fe fuppre pelo verbo fou, es, & pelo participio da pafsiva do tempo paffado do mefmo verbo [...] & afsi mefmo em os mais tempos, modos, & peffoas” (Lião, 1606, p. 118).

Sustenta, ainda, que também na voz ativa “[...] fupprimos algũas faltas [...] com [o] verbo hei, has, ha, que he o habeo habes dos latinos que ajuntamos ao infinitiuo, porque dizemos amarei, amaras, amaraa, amaremos, amarias, amariaõ, & aos mais modos em que me não detenho” (Lião, 1606, p. 119).

Também “[...] por arrodeo de mais palavras [...]” nota ser suprido, na língua portuguesa, o participio futuro latino, pelo que “[...] dizemos por amaturus o que ha de amar” (Lião, 1606, p. 119).

Em 1619, Amaro de Roboredo (século XVI-século XVII) usa, várias vezes, o termo ‘rodeio’, aplicado quer ao Latim (Roboredo, 1619, p. 192 - 193), quer ao Português. No que toca ao Português, observa que é com o verbo ‘ser’, “[...] fundamento de todos [os verbos] [...]”, que, “[...] per rodeio [...]”, se suprem “[...] as vozes paffivas que lhes faltão [...]” (Roboredo, 1619, p. 30):

Nas linguas vulgares, de que temos noticia, não ha Verbos Pafsivos: mas há Participios Pafsivos, com os quaes, & com o Verbo Suftativo, *Sum*, fe fuprem as Vozes Pafsivas; como em Português. ‘Amado’, ajuntafe ao Verbo, ‘Sou’, afsi; ‘Sou amado’; ‘Fui amado’: ‘Serei amado’ [etc.] (Roboredo, 1619, p. 69, grifos do autor).

Não se detém, diretamente, na análise da composição dos tempos verbais da voz ativa em Português, embora os utilize. Detém-se, entretanto, no que conhecemos por “[...] perífrases verbo-pronominais” (Câmara Junior, 1976, p. 171-174). Entende, assim, em parte à semelhança de Lião, que usamos, igualmente, de “[...] hum rodeio de terceiras peffoas pafsivas feito das activas [e] do Accufativo, ‘Se’ [...]”<sup>9</sup>, para significar “[...] ou o mefmo agente do verbo, que redobra fobre fi, ou outro em commum, [e] confufo, que responde aos Impeffoas dos Grammaticos [...]”, ilustrando essas duas situações com os exemplos “[...] ‘movia fe, movera fe, elle fe moveffe, mova fe &c.’ [...]” e “[...] ‘affirmava fe que vinheis a efta cidade’ [...]”, respetivamente (Roboredo, 1619, p. 32-33, grifos do autor). Designa, ainda, de “Semelhantes rodeios [...]” as construções de voz ativa com pronomes pessoais acusativos “[...] Me, Te, Se, Nos, Vos, Se [...]”, situação que diferencia das anteriores (Roboredo, 1619, p. 69, 192).<sup>10</sup>

Em conclusão, na primeira metade do século XVII, faz-se uso do termo ‘rodeio’ para referir expressões de tipos diferentes. As obras consultadas revelam, contudo, a ideia de que um daqueles tipos de expressões – a construção da voz passiva analítica – envolvia o recurso ao verbo ‘ser’, que atuava juntamente com o então chamado ‘participio passivo’. Talvez devido à pesada herança gramatical que envolvia encarar o verbo ‘ser’ com o estatuto de verbo único, por ser tido por ‘substantivo’ e, por isso, filosoficamente integrativo da constituição dos outros verbos, não se logrou identificar a ocorrência do termo ‘verbo auxiliar’. Essa herança não impedia a verificação dos diferentes papéis desempenhados pelo verbo, mas podia constituir um óbice à perceção de um processo que, hoje, denominamos de ‘gramaticalização’, suscetível de ocorrer em diferentes graus.

A consciência do resultado desse processo parece evidente em Lião, ao identificar o verbo ‘haver’ como integrante de expressões veiculadoras de um valor de tempo (e de modo) e/ou de modalidade: muito interessante é a consciência da composição (fruto da influência grega por meio do Latim) da forma de futuro imperfeito do indicativo, dela destacando as formas do verbo ‘haver’, da mesma maneira que é digna de ênfase a consideração da expressão mais claramente veiculadora de um valor modal e de um valor temporal, ‘haver + de + infinitivo’.

Por seu turno, importa notar, em Roboredo, a aplicação do termo ‘rodeio’ a estruturas que considera marcadas por um clítico dito ‘passivo’.

Metalinguisticamente, salientam-se os verbos ‘ser’ e ‘haver’.

<sup>9</sup> No trecho seguinte, Roboredo (1619, p. 33, grifos do autor) acrescenta: “Tambem eftes accufativos, ‘Me, Te’, iuntos aas primeiras, [&] segundas peffoas fazem o mefmo rodeio de pafsiva de agente, que reciproca fobre fi, mas em algũs verbos não corre bem, como ‘Eu me fazia, tu te fazias’; em outros, fi, como ‘Eu me movia, tu te veltias’, &c.”

<sup>10</sup> Ao precisar o conceito de ‘perífrase verbal’ que se propôs adotar no estudo dedicado ao Espanhol e publicado em 1958, Jose Roca Pons lembra que, em espanhol, também se empregava, às vezes, “[...] o termo ‘perífrase verbal’ para designar qualquer expressão verbal não simples, por exemplo, com o reflexivo ‘se’” (Roca Pons, 1958, p. 10, grifos do autor, trad. port. nossa), ou, segundo o texto original, “[...] el término de ‘perífrasis verbal’ para designar toda expresión verbal no simple, por exemplo, con el reflexivo ‘se’”.

## Século XVIII

Em 1725, D. Jeronymo Contador de Argote (1676-1749) entende que os ‘verbos auxiliares’ ajudam os outros verbos, tidos por ‘principais’, a formar tempos (Argote, 1725): ‘ser’, com o particípio passado, ajuda os verbos ativos a formar os tempos passivos (Argote, 1725)<sup>11</sup>; ‘ter’ ou ‘haver’, com o particípio passado de qualquer verbo, servem de auxiliares, segundo o autor, para a formação de diversos tempos do indicativo e do ‘subjuntivo’ (Argote, 1725)<sup>12</sup>, bem como para a formação do ‘gerúndio composto’, que afeta ao ‘modo infinitivo’<sup>13</sup> (Argote, 1725). O verbo auxiliar ‘haver’, seguido da preposição ‘de’ e do ‘infinitivo’ de um verbo principal, é apresentado como servindo para formar um ‘futuro composto’ (Argote, 1725)<sup>14</sup>.

Em 1734, João de Moraes Madureyra Feijo’ (1688-1741) segue a linha de raciocínio e de classificação metalinguística de D. Jeronymo Contador de Argote (Feijo’, 1734), acrescentando ao rol dos verbos auxiliares o verbo ‘estar’ seguido de um outro verbo marcado por ‘gerúndio’<sup>15</sup> (Feijo’, 1734).

Em 1767, Fr. Luís do Monte Carmelo (1715-1785) assinala, também, a existência dos verbos auxiliares ‘ser’, ‘ter’ e ‘haver’ (Carmelo, 1767). Embora considere que o verbo auxiliar ‘ter’ comuta com o verbo auxiliar ‘haver’, para a formação de tempos compostos, nota que, de acordo com o uso dos eruditos, o verbo auxiliar ‘haver’ só ocorre, seguido da preposição ‘de’, com o ‘infinitivo’ de outros verbos (Carmelo, 1767).

Assim, ao tratar do verbo em geral e sem se referir explicitamente à auxiliaridade, observa que o verbo ‘haver’, “[...] quando significa como o Verbo ‘Ter’, v. g. ‘Tenho de orar’, ‘Temos de orar’, ‘Tinha de orar’, ‘Tínhamos de orar’ [...]” (Carmelo, 1767, p. 52, grifos do autor), é conjugável em todas as pessoas gramaticais, “[...] como v. g. ‘Hei de orar’; ‘Has de orar’; ‘Há de orar’; ‘Havemos de orar’; ‘Haveis de orar’; ‘Ham de orar’, ‘Havia de orar’, ‘Havíamos de orar’, &c. porque faz este ‘fentido’, ‘tenho intençam, proposito, ou obrigaçam de orar’” (Carmelo, 1767, p. 53, grifos do autor). Distingue, entretanto, a construção ‘haver + de + infinitivo’ da construção ‘haver + infinitivo’, que considera um ‘erro’, “[...] pois [...] Havia de orar he hũa subftituta defta ‘Devia orar’, e femelhante a efta ‘Tinha de orar’, isto he, ‘Tinha intençam, propofito, ou obrigaçam de orar’” (Carmelo, 1767, p. 53, grifos do autor). É clara a diferenciação entre este uso de ‘haver’ e o seu uso como verbo pleno:

[...] quando o Verbo ‘Haver’ significa como o Verbo ‘Exiftir’, tem ordinariamente hum fô ‘Cafô’ para ambos os numeros, como v. g. ‘Ha homem’, e ‘ha homens tam mal educados, que parecem brutos’; ‘Havia, houve e haverá homem’; ‘havia, houve e haverá homens, que fejam ingratos’ [...] &c. Ainda o ‘Verbo’, que rege o Infinito ‘Haver’ nefta significaçam, parece que fe-vefte do genio defte; porque ordinariamente dizemos v. g. ‘Póde haver algum jufto, e póde haver tantos juftos’ [...]. Mas ninguem duvida, que dizemos bem affim v. g. ‘Podem haver tantos juftos’ [...]. (Carmelo, 1767, p. 52-53, grifos do autor).

As observações feitas parecem intuir uma aproximação do estatuto de ‘poder’ do estatuto do verbo que, hoje, tem sido classificado como semiauxiliar, ‘haver’, o mesmo parecendo suceder com ‘dever’.

Em 1770, António José dos Reis Lobato (17---ca 1804) recorre ao termo ‘circunlóquio’, para se referir à expressão da ‘voz passiva’ com auxílio do verbo ‘ser’ e do ‘Particípio passivo do pretérito’/ ‘Particípio simples passivo do pretérito’ (Assunção, 2000). Afirma que “Ser, Ter e Haver” eram “[...] chamados commummente verbos auxiliares [...]”, “[...] por se suprirem, e formarem de suas vozes alguns tempos, que faltão aos outros verbos” (Assunção, 2000, p. 202-203), explicando as razões subjacentes a tal classificação:

a) o verbo ‘ser’, “[...] a que chamão substantivo [...] ] he auxiliar, porque dos seus tempos, modos, e pessoas se fóрма toda a voz passiva de qualquer verbo activo, pospondo-se-lhe o participio passivo do mesmo verbo” (Assunção, 2000, p. 203, nota a);

b) o verbo ‘ter’ “[...] he auxiliar, porque se fórmão com o seu socorro alguns tempos do preterito dos outros verbos, por se comporem de vozes do verbo ‘Ter’ acompanhadas da primeira terminação acabada em ‘o’ do participio passivo dos mesmos verbos [...]” (Assunção, 2000, p. 209, nota a, grifos do autor), assim como tem “[...] a particularidade de formar com as suas mesmas vozes os seus tempos compostos, tirando o futuro

<sup>11</sup> “‘Eu fou amado.’ Nefta Oraçãõ o Verbo ‘Ser’ com o Participio ‘amado’ forma o tempo prefente do Verbo pallivo do activo ‘Amo’ [...]” (Argote, 1725, p. 63, grifos do autor).

<sup>12</sup> “‘Eu tenho amado’ he tempo compolto do Verbo ‘Amar’, e forma-fe do prefente do Verbo auxiliar ‘Ter’, e do Participio ‘Amado’ do Verbo principal ‘Amar’. [‘Preterito perreyto compolto/‘Modo Indicativo’]” (Argote, 1725, p. 146, grifos do autor) “‘Eu tinha amado.’ [‘Preterito plulquam perreyto compolto/‘Modo Indicativo’]” (Argote, 1725, p. 85, grifo do autor.) Quanto ao “Futuro compolto” do “Modo Indicativo”, Argote considera a existência de duas construções: “[...] todo o Verbo tem dous Futuros compoltos, hum do Verbo ‘Haver’, e do Infinitivo do Verbo conjugado com a prepoziçãõ ‘De’, outro; compolto do Verbo ‘Ter’, e do Participio do Verbo conjugado” (Argote, 1725, p. 87-88, grifos do autor): “‘Eu hey de amar’ / “‘Eu terey amado’” (Argote, 1725, p. 86, grifos do autor) “‘Pofto que eu tenha amado’ [‘Preterito perreyto compolto/Modo Subjunctivo’]” (Argote, 1725, p. 91, grifo do autor.) “‘Pofto que eu tivera amado’ [‘Preterito plulquam perreyto compolto/Modo Subjunctivo.’]” (Argote, 1725, p. 92, grifo do autor.) “‘Pofto que eu haja de amar’ [‘Futuro compolto/Modo Subjunctivo.’]” (Argote, 1725, p. 92, grifo do autor.) “‘Como eu tiver amado’ [‘Futuro compolto/Modo Subjunctivo’]” (Argote, 1725, p. 93, grifo do autor).

<sup>13</sup> “‘Tendo amado’ he Gerundio” (Argote, 1725, p. 79, grifo do autor).

<sup>14</sup> Em relação ao ‘Futuro composto’, quer do Modo Indicativo, quer do Modo Subjuntivo, vide nota 7.

<sup>15</sup> “E aonde fenaõ póde pronunciar [o verbo ‘Polir’] com ‘Po’, como he em todo o prefente, ufaremos de rodeyo, e do verbo auxiliar: V.g. em lugar de ‘Puo’, ou ‘Pulo’, diremos ‘Eftou polindo’: tu eftás ‘polindo’; e affim nos mais” (Feijo’, 1734, p. 454, col. 2 – p. 455, col. 1).

perfeito do indicativo, e o futuro do infinito, que se fórmão geralmente em todos os verbos de certas vozes do verbo ‘Haver’” (Assunção, 2000, p. 210, nota a, grifo do autor);

c) o verbo ‘haver’

[...] he auxiliar por ajudar aos outros verbos a compor alguns tempos, os quaes se fórmão de vozes do verbo ‘Haver’, e da preposição ‘De’, anteposta á voz infinita do presente impessoal dos mesmos verbos auxiliados, como v. gr. ‘Hei de ser’, ‘Haver de ser’ (Assunção, 2000, p. 219, nota a - p. 220, nota a, grifos do autor).

Este mesmo verbo em todos os seus modos, e tempos, que não são compostos, se usa, ajuntando-se-lhe a voz infinita do presente impessoal de qualquer verbo procedida [sic!] da preposição ‘De’, como v. gr. ‘Hei de ter’, ‘Havia de ter’, ‘Houve de ter’. // Também se usa, ajuntando-se-lhe o participio passivo de qualquer verbo, como v. gr. ‘Hei defendido’, ‘Havia defendido’. Delle usamos também, ajuntando-lhe a particula ‘De’ e a voz infinita ‘Ser’ do verbo ‘Sou’, com o participio passivo de qualquer verbo, como v. gr. ‘Hei de ser amado’, ‘Havia de ser amado’, ‘Houve de ser amado’ (Assunção, 2000, p. 220, nota a, grifos do autor).

A propósito da ‘conjugação irregular dos verbos’ ou dos “‘Verbos irregulares’ [...]” apresenta o verbo ‘estar’, acerca do qual aduz que se lhe pode “[...] ajustar [...]”, “[...] em todos os seus modos, e tempos [...]”, “[...] o participio presente acabado em ‘ndo’ de qualquer verbo, como v. gr. ‘Estou lendo’, ‘Estava lendo’, ‘Estive lendo’, etc.” (Assunção, 2000, p. 248, nota a, grifos do autor). Não considera, porém, que tal verbo seja utilizado, nesse caso, no âmbito de qualquer circunlóquio, porque não apresenta o verbo ‘estar’ como funcionando como verbo auxiliar, não seguindo, neste caso, a percepção de João de Moraes Madureyra Feyjo’ (1734).

Em 1783, Bernardo de Lima e Me’lo Bacellar (ca 1736-ca 1787) descreve a expressão “Hei d’amar [...]” como significando “[...] actualmente – ‘hei’ – ou tenho obrigação ‘d’amar’ em – certo – tempo futuro [...]”, entendendo, “[...] pela figura Sillepfi [...]” (Bacellar, 1783, p. 56, nota h; cf. p. 52, nota a, grifos do autor), que o verbo ‘haver’ assume aí um significado pleno, pelo que solicitaria o caso acusativo, consubstanciável num substantivo implícito, ‘obrigação’, que, por sua vez, pediria o caso genitivo realizável no segmento ‘d’amar’. Prevê a existência de verbos compostos, mas não integra a classificação de ‘verbo auxiliar’ no seio das “‘caftas d’Acções, ou Verbos que há’” (Bacellar, 1783, p. 101).

Em 1785, Abraham Meldola (1754-1826) considera que, em Português, o ‘verbo auxiliar’ é “[...] o Verbo que ajuda aos demais a formar os seus tempos [...]” (Meldola, 1785, p. 90, col. 1). Considera que há “Dous [...]” verbos auxiliares: “[...] o verbo ‘Ser’, e o Verbo ‘Ter’ ou ‘Haver’” (Meldola, 1785, p. 90, col. 1, grifos do autor). O verbo ‘ser’ serve de auxiliar aos “[...] Verbos paffivos, com todos os modos, tempos, numeros e peffoas” (Meldola, 1785, p. 95, col. 1). O verbo ‘ter’ serve de auxiliar aos verbos ditos ‘ativos’, ‘neutros’ e ‘passivos’:

[...] p. e. ‘Eu tenho amado’, a qui ferve de auxiliar a o Verbo Activo ‘Amo’. ‘Eu tenho gritado’, a qui ferve de auxiliar a o Verbo neutro ‘Gritar’. ‘Eu tenho fido amado’, a qui ferve de auxiliar a o Verbo Paffivo ‘Sou amado’ (Meldola, 1785, p. 101, col. 1, grifos do autor).

O verbo ‘ter’ serve, ainda, de auxiliar a si mesmo e à formação de alguns tempos de outros verbos: ‘pretérito perfeito’, ‘plusquam perfeito’, ‘futuro’ e ‘gerúndio’ (Meldola, 1785). Entende que o verbo ‘haver’ e o verbo ‘ter’ concorrem para a formação de ‘futuros compostos’: “[...] hum do verbo ‘Haver’, e do Infinitivo do Verbo conjugado com a Preposição ‘De’, outro compofito do Verbo ‘Ter’, e do Participio do Verbo conjugado” (Meldola, 1785, p. 107, col. 1, grifos do autor). Também este autor indica que o verbo ‘estar’ é verbo auxiliar quando seguido de um verbo marcado por ‘gerúndio’ (Meldola, 1785). Observa, aliás, que a expressão ‘estar + verbo principal’ no ‘gerúndio’ pode ser substituída por uma só forma do verbo principal, ainda que não deixe de notar o seguinte: “Verdade he que ufando o verbo ‘estar’, e dizendo ‘eftou fallando, eftava comendo’ denoto mais expreffivamente a aççam de falar, & comer que naqueles tempos fazia” (Meldola, 1785, p. 162, col.1, grifos do autor).

Em síntese, no século XVIII, parece retomar-se e amadurecer-se a reflexão metalinguística havida no século XVI. A maioria das obras que estiveram sob escrutínio aponta os verbos ‘ser’, ‘ter’ e ‘haver (de)’ como verbos auxiliares para a composição de tempos da voz ativa e da voz passiva. Um dos estudiosos, Fr. Luís do Monte Carmelo, centra a atenção na necessidade de distinção das construções ‘haver + de + infinitivo’ e ‘haver + infinitivo’, mostrando que esta última teria de ser preterida a favor daquela ou de ‘dever + infinitivo’, para assim poder ser veiculado um valor modal. Aliás, de forma análoga, considera que o verbo ‘poder’ seguido de infinitivo se parece revestir do mesmo estatuto de ‘haver (de)’<sup>16</sup> enquanto ‘verbo auxiliar’. Entretanto, dois autores – João de Moraes Madureyra Feyjo’ e Abraham Meldola – salientam o facto de ‘estar’, seguido de

<sup>16</sup> Cumpre lembrar que os gramáticos entendem que a preposição ‘de’ diz respeito ao ‘infinitivo’ e não ao verbo auxiliar.

gerúndio, se comportar como verbo auxiliar, classificação que António José dos Reis Lobato não utiliza, embora seja mais um dos que assinalam a possibilidade de ‘estar’ surgir acompanhado de um verbo marcado pelo que denomina de ‘particípio presente’.

### Século XIX

Em 1806 [1802], Antonio de Moraes Silva regista quatro verbos auxiliares: “‘Estar’, ‘Ser’, ‘Ter’, ‘Haver’” (Silva, 1806, p. 63, cf. p. 122), utilizando o termo ‘variação composta’ (Silva, 1806).

Comparativamente com o assinalado anteriormente, o que há de novo é o aprofundamento da reflexão sobre o uso do verbo auxiliar ‘estar’ acompanhado do ‘gerúndio’ de um outro verbo, pois afirma que “‘Estou Lendo’, ‘Estive Lendo’, ‘Estarei Lendo’, ‘Estava Lendo’, ‘Estivera Lendo’, ‘Estaria Lendo’ [...]” (Silva, 1806, p. 124, grifos do autor), sendo “[...] variações compostas do Modo Indicativo[,] [se formam] com os verbos auxiliares, e os gerúndios<sup>17</sup>, para indicar o attributo verbal actual, imperfeito [...]”<sup>18</sup> (Silva, 1806, p. 124), por contraste com as variações compostas dos verbos ‘ter’ e ‘haver’ com o que chama de “[...] Supinos [...]”, as quais “[...] representam o attributo, ou acção do verbo como perfeita, e acabada” (Silva, 1806, p. 124).<sup>19</sup> Curiosamente, numa nota, regista que ‘Hei de ser’, ‘Havia, Tinha de ser’ “[...] impropriamente se dizem tempos dos verbos [...]”, pois vê essas expressões, à semelhança de Bacellar, como “[...] frases ellipticas”<sup>20</sup> (Silva, 1806, p. 125, nota 6): “‘Hei de ser’, é ‘hei tensão, desígnio, esperança, intento, resolução de ser’” (Silva, 1806, p. 125, nota 6, grifos do autor).

Vale assinalar, ainda, que, quanto ao ‘Futuro a respeito do presente e do passado’, retoma Lião (mais exatamente, *Origem da Lingoa Portuguesa*), atribuindo-lhe a seguinte advertência, a que acrescenta – sem o identificar – um apontamento que nos parece ser da sua lavra:

[...] os futuros em ‘ei’, ‘farei’, ‘amarei’, &c. e os em ‘ia’, ‘amaria’, ‘leria’, são os Infinitos compostos com ‘hei’ de haver; e os em ‘ia’ do imperfeito de ‘ir’<sup>21</sup>; eu ‘amaria’, i. é, eu ‘ia’ amar, ou ‘hia’ por ‘havia’ (Silva, 1806, p. 130, grifos do autor).

Mais: observa que tais formas de ‘Futuro’ designavam “[...] incerteza, possibilidade [...]” (Silva, 1806, p. 130), adscrevendo-lhes, assim, um valor de modalidade.

Em 1803, João Joaquim Casimiro (século XVIII-século XIX) considera haver três verbos auxiliares, ‘ser’, ‘ter’ e ‘haver’ (Casimiro, <sup>2</sup>1803): “O verbo ‘Ser’ dá auxilio a todos os verbos passivos, e não podem ser passivos fem elle.<sup>22</sup> Os verbos ‘Ter’, e ‘Haver’ dão auxilio a todos os verbos activos em varios tempos, e peffoas” (Casimiro, 1803, p. 15, grifos do autor).<sup>23</sup> Casimiro (<sup>2</sup>1803, p. 29) utiliza o termo “Circumloquio [...]”, a propósito das formas compostas “Havendo, ou tendo fido” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 19), “Tendo, ou havendo tido” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 24), “Tendo havido” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 29), “Tendo, ou havendo louvado” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 34), “Tendo, ou havendo entendido” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 40), “Tendo, ou havendo partido” (Casimiro, 1803, p. 45), “Tendo, ou havendo pofto” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 54). É digna de ênfase a consciência de que o ‘futuro imperfeito’ do ‘modo indicativo’ e o ‘futuro’ do ‘modo conjuntivo’ se podem configurar a partir da “[...] composição do verbo ‘Haver’” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 34, grifo do autor).<sup>24</sup>

Em 1822 [1803], Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816) menciona três verbos auxiliares do verbo substantivo ‘ser’. Trata-se de ‘haver’, seguido de infinitivo impessoal do verbo ‘ser’ preposicionado por ‘de’, “‘Hei de ser’ [...]” (Barbosa, 2004, p. 250, 287, grifo do autor), ‘estar’, seguido do chamado ‘particípio imperfeito ativo’, “‘Estou sendo’ [...]” (Barbosa, 2004, p. 250, grifo do autor), “‘Estou sendo amante’, ou ‘Estou amando’, que he o mesmo (*sum amans*) [...]” (Barbosa, 2004, p. 265, grifos do autor, cf. 340 - 344), e ‘ter’, combinado com o denominado ‘particípio perfeito ativo’, “‘Tenho sido’” (Barbosa, 2004, p. 250, grifo do autor, cf. 265, 344 - 346). Conformam “[...] Linguagens compostas [...]” (Barbosa, 2004, p. 195), expressão terminológica várias vezes usada, para veicular valores semânticos de ‘incoação’, ‘continuação’ e ‘completamento’ da existência (transportada por ‘ser’) do atributo no sujeito, ou seja, valores aspetuais,

<sup>17</sup> Cf. nota 9 da p. 127, em que apresenta a possibilidade de covariação com infinitivo preposicionado por ‘a’.

<sup>18</sup> Parece existir uma diferença de exposição da reflexão metalinguística relativamente ao lexicograficamente proposto, por si, em 1789 e em 1813 (os verbetes apresentados sob a entrada ‘Auxiliar’ não diferem entre si). Colocamos a possibilidade de o autor começar a tender à percepção do processo de gramaticalização tal como o conhecemos hoje.

<sup>19</sup> Ilustra essa observação com os exemplos seguintes: “‘Tenho Lido’, ‘Tive Lido’, ‘Tivera Lido’, ou ‘Hei Lido’, ‘Houvera Lido’, ‘Haverei Lido’, &c.” (Silva, 1806, p. 124, grifos do autor).

<sup>20</sup> Talvez por essa razão opte pelos termos ‘variação simples’ e ‘variação composta’.

<sup>21</sup> Não lográmos encontrar esta indicação, que envolve a proposta da inclusão de ‘ir’, na obra de Lião a que o autor se refere.

<sup>22</sup> “Todo o verbo activo forma passivo com o participio do preterito, e o verbo ‘Ser’” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 24, grifo do autor). Exemplifica o dito ‘particípio do pretérito’ com, por exemplo, as formas ‘louvado, louvada’ (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 34), do verbo ‘louvar’.

<sup>23</sup> Eis alguns exemplos respeitantes a um dos verbos conjugados, ‘louvar’, classificado como integrativo da 1.ª conjugação: “[...] tenho louvado”, “[...] tinha louvado”, “[...] hei de louvar”, “[...] terei louvado”, “[...] tenha louvado”, “[...] tivera louvado”, “[...] tiver louvado”, “Haver de louvar” [‘futuro’ do ‘Modo Infinito’], “Tendo, ou havendo louvado” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 30, 31, 33, 34).

<sup>24</sup> Entendemos que essa consciência é inequívoca, embora não explicitada metalinguisticamente. Por exemplo, quanto ao ‘modo indicativo’, refere: “O futuro imperfeito fórma-fe da mesma legunda raiz, acrescentando-lhe hum ‘ei’, em qualquer conjugação, como ‘Louvar, Louvarei’, ‘Entender, Entenderei’, ‘Partir, Partirei’” (Casimiro, <sup>2</sup>1803, p. 46).

embora o primeiro verbo auxiliar indicado pareça assumir um valor temporal ou, como assinalará Constancio (1831), modal.

Esses verbos auxiliares não têm o significado que assumem enquanto verbos transitivos ou intransitivos (Barbosa, 2004, p. 296-297): se, por um lado, entende que “[...] perdem então a sua significação própria e natural para exprimirem os varios estados de existencia ou começada, ou continuada, ou acabada, de baixo dos quaes se pôde considerar hum objecto em qualquer epocha, ou tempo [...]”, por outro lado, afirma que “[...] tomando o serviço de auxiliares, ainda assim conservão alguns resquícios da sua natureza primitiva, exprimindo huma especie de posse virtual, e de situação metaphorica, em que se considera o sujeito da proposição por ordem á qualidade, que se lhe attribue” (Barbosa, 2004, p. 252).

Os ‘verbos’ ditos ‘adjetivos’ são, nos mesmos termos, auxiliados por ‘haver’, ‘ter’ e ‘estar’, acrescentando-se a este último ‘andar’, ‘vir’ e ‘ir’, seguidos de infinitivo impessoal, preposicionado ou não, ou de ‘particípio imperfeito ativo’ (Barbosa, 2004). Se os três primeiros verbos auxiliares “[...] exprimem os tres diferentes estados de ‘Existencia’ [...]” (Barbosa, 2004, p. 253, grifo do autor), os três últimos verbos auxiliares “[...] exprimem [...] diferentes modos de acção e movimento, pelos quaes hum agente passa para mostrar ou a duração de huma acção, ou sua proximidade no tempo, quer anterior, quer posterior [...]” (Barbosa, 2004, p. 254): o verbo auxiliar ‘andar’ supre a falta de verbos transitivos ou intransitivos frequentativos – “‘Ando [...] escrevendo’”, “‘Ando cuidando’, ‘Ando lendo’ [...]” (Barbosa, 2004, p. 254; 298) –, parecendo ser mais comum o seu uso com o ‘particípio imperfeito ativo’ dos verbos com que se combine; os verbos auxiliares ‘ir’ e ‘vir’ com o infinitivo impessoal (preposicionado ou não) ou com o ‘particípio imperfeito ativo’ dos verbos a conjugar – “‘Vou escrever’”, “‘Vou escrevendo’, ‘Venho de escrever’ [...]” – podem conferir às ditas ‘Linguagens compostas’ valor temporal ou temporo-aspetual (Barbosa, 2004, p. 254, cf. 297 - 298). Veja-se que aproxima desses verbos auxiliares outros, indicados em nota de rodapé – ‘acertar de’, ‘dever de’ –, por terem “[...] força de auxiliares [...]” (Barbosa, 2004, p. 254, nota 1) modais, sendo seguidos da forma de preposição ‘de’:

Tambem ‘Acertar de’, ‘Dever de’, tem força de auxiliares, o primeiro para exprimir a ‘casualidade’, o segundo a ‘probabilidade’ de huma acção, como: ‘Acertou de passar’, isto he ‘Casualmente passou’; ‘Os autos devem de ser perdidos’, isto he, ‘Provavelmente se perdêrão’ (Barbosa, 2004, p. 254, nota 1, grifos do autor).

Para a constituição da voz passiva, entende o autor que basta ao ‘verbo adjetivo’ “[...] huma Linguagem simples [...]” (e não composta), que é a do ‘particípio perfeito passivo’, que, sendo declinável em género e número, contém “[...] a força da significação própria do verbo adjectivo [...]” (Barbosa, 2004, p. 310-311): “Com [os] participios passivos [...] e com o subsidio das Linguagens do verbo substantivo, e seus auxiliares consegue nossa Lingua dar voz passiva a qualquer verbo adjectivo” (Barbosa, 2004, p. 311). Nota, ainda, o autor que, quando se quer apassivar um verbo transitivo, a fim de exprimir um estado passivo – “[...] e não huma paixão passageira” – “[...] he preferível o auxiliar ‘Estar’ ao verbo substantivo ser” (Barbosa, 2004, p. 312, grifo do autor). Neste caso, mediante os pressupostos apresentados pelo gramático, deduzimos que estaríamos perante uma ‘Linguagem composta’.

Em 1804, Manoel Dias de Souza (1755-ca 1822), a propósito da falta de formas verbais próprias “[...] para exprimir todas as diferenças do tempo em cada Modo [...]” (Souza, 1804, p. 106), menciona a existência dos verbos auxiliares “[...] ‘Ser’, ‘Ter’, ‘Haver’, ‘Estar’, ‘Ficar’, ‘Andar’, ‘Vir’, ‘Ir’, ‘Dever’ e ‘Entrar’” (Souza, 1804, p. 107, grifos do autor), salientando que “[...] os tres primeiros são mais uzados do que os outros” (Souza, 1804, p. 107). Oito desses verbos, a saber, ‘ser’, ‘ter’, ‘estar’, ‘ficar’, ‘andar’, ‘vir’, ‘ir’, ‘entrar’, integram as expressões ‘eu ando a escrever/escrevendo’, ‘eu entro a escrever/escrevendo’, ‘eu estou a escrever/escrevendo’, ‘eu fico a escrever/escrevendo’, ‘eu venho a escrever/escrevendo’, ‘eu vou a escrever/escrevendo’, ‘eu sou/estou sendo escrevente’, entendidas – sendo os exemplos apresentados no modo indicativo – como “[...] fórmãs compostas com os presentes [ou com a primeira e a segunda formas do passado, ou seja, o chamado ‘passado indefinido’ e ‘passado próximo’] dos Verbos auxiliares, e com o Infinito e Participios do Verbo que se quizer exprimir” (Souza, 1804, p. 108, grifos nossos). Esses mesmos oito verbos e ‘Haver’, que comuta com ‘Ter’, integram, de maneira equivalente, formas compostas com a terceira forma do passado, também designada por ‘passado remoto’, “[...] não [exprimindo] diferença sensível no tempo” (Souza, 1804, p. 108). ‘Ser’, ‘Ter’, ‘Estar’, ‘Andar’, ‘Vir’, ‘Ir’, ‘Entrar’, ‘Haver’, e ‘Dever’ integram, semelhantemente, as formas compostas com a denominada primeira forma do futuro, ou ‘futuro próximo’: ‘eu andarei a escrever/para escrever/escrevendo’, ‘eu deverei escrever, eu entrarei a escrever/escrevendo’, ‘eu estarei a escrever/para escrever/escrevendo, eu haverei de escrever’, ‘eu hei de escrever’, ‘eu hirei escrever/escrevendo’, ‘eu terei de escrever’, ‘eu virei escrever/a escrever/para escrever/de

escrever/escrevendo’, ‘eu serei escrevente’, ‘eu estarei sendo escrevente’ (Souza, 1804). Em todos os casos, afirma o autor que as formas compostas, de acordo com o verbo exemplificado no modo indicativo, “[...] equivalem com pouca diferença a ‘Eu escrevo’ [...]”, “[...] a ‘Eu escrevia’ [...]”, a “‘Eu escrevi’ ou ‘Tenho escrito’ [...]”, a “‘Escrevera[,] ‘Tinha escrito[,] ‘Tivera escrito[,] ‘Houvera escrito’ [...]”, “[...] a ‘Eu escreverei’ [...]” (Souza, 1804, p. 108, 110-111, 112; grifos do autor). A segunda forma do futuro, ou ‘futuro remoto’, constrói-se, segundo o Autor, apenas com os verbos auxiliares ‘Ter’ ou ‘Haver’: “[...] tanto vale dizer: ‘Eu terei escrito’ como ‘Eu haverei escrito’” (Souza, 1804, p. 113, grifos do autor). Observa, ainda, que com o verbo ‘ser’ em todos os tempos e modos, acompanhado do ‘particípio passivo’ do verbo que se pretenda exprimir, se forma o equivalente aos verbos passivos, que não têm forma própria em Português, exemplificando: ‘Eu sou amado’; ‘Tu es amado’; ‘Ele he amado’” (Souza, 1804, p. 57, grifos do autor). Se, em alguns casos, “[...] [os] tempos compostos exprimem diferença de tempo, a que não corresponde alguma fôrma simples do Verbo [...]”, noutros, “[...] exprimem o mesmo ou ‘quazi o mesmo’ que algumas fôrmas simples do Verbo” (Souza, 1804, p. 107, grifo nosso). Seguem-se, imediatamente, os seguintes exemplos: “‘Eu heide amar’, he o mesmo que ‘Eu amarei’, porém ‘Eu terei amado’ já exprime notavel diferença de tempo” (Souza, 1804, p. 107, grifos do autor).

Posteriormente, João Crisóstomo do Couto e Melo (1775-1838) utiliza a expressão ‘Circunlocações’<sup>25</sup> (Melo, 1818) ou a sua variante gráfica ‘Circumlocações’<sup>26</sup> (Melo, 1818) para se referir a “[...] expressões verbaes dos ‘tempos compostos’ [...]” (Melo, 1818, p. 114, nota 1, grifo do autor), embora o termo, numa ou noutra variante gráfica, só ocorra efetivamente para indicar formas compostas “[...] equivalentes” (Melo, 1818, p. 107, 109, 120, 123, 132, 144, 155, 165) a formas simples indicadas imediatamente antes das ocorrências. Entende existirem “‘Verbos Auxiliares’” – “‘Sêr’”, “‘Estar’”<sup>27</sup>, “‘Têr’”<sup>28</sup> e “‘Avêr’”<sup>29</sup> –, destinados à formação de “[...] diferentes ‘variações’ d’outros verbos” (Melo, 1818, p. 104, grifos do autor).

Destacamos o facto de, quanto à única forma de ‘Futuro Imperfeito’ do Modo Indicativo apresentada, “[...] ‘louvarei’ [...]”, o autor (1818, p. 155) salientar a sequência final ‘-arei’, plasmando, em nota de rodapé, entre pontos de interrogação, uma questão que deixa por responder: “Derivado de ‘louvar-ei-de’ contraído, e de ‘ei-de-louvar’ invertido?” (Melo, 1818, p. 155, nota 1, grifos do autor) Aí, dado o sistema ortográfico por que Melo opta no registo do seu discurso metalinguístico, é-nos claro o recurso à forma do verbo ‘haver’ marcada pelo tempo presente, pelo modo indicativo e pela 1.ª pessoa gramatical, “ei”, de ‘hei’, tal como, aliás, consta na conjugação desse verbo (Melo, 1818, p. 118). Não há, porém, qualquer explicitação metalinguística do gramático.

Também Francisco Solano Constancio (1777-1846) utiliza a forma “[...] circunlocações [...]” (Constancio, 1831, p. 102), ao referir-se ao infinitivo pessoal típico do Português: “O que nós com tanta energia dizemos com hum só termo, são a maior parte das nações obrigadas a expressar por meio de circunlocações” (Constancio, 1831, p. 102).

O estudioso regista que os “[...] ‘verbos auxiliares’ [...]” são “‘Ser’ na voz passiva [...]”, “‘Estar’ nos verbos de acção continua [...]” e “‘Haver’ e ‘Ter’ nos tempos compostos de todos os verbos” (Constancio, 1831, p. 123, grifos do autor).

Assim, “[com] o verbo ‘ser’ se forma a voz passiva dos verbos activos conjugando-o com o participio passivo d’elles; v. g. ‘Sou’, ‘es’, ‘he’, ‘somos’, ‘sois’, ‘são’, etc., amado, obedecido, amados, as, obedecidos, as [...]” (Constancio, 1831, p. 130, grifos do autor). No que diz respeito a ‘Estar’, combina-se com ‘gerúndio’, para exprimir “[...] duração continua [...]”: “‘Estar sendo’” (Constancio, 1831, p. 131, grifo do autor). Já ‘ter’ e ‘haver’ servem para formar o que designa por “[...] tempos compostos” (Constancio, 1831, p. 135):

[...] mostrarei que não só os verbos ‘haver’ e ‘ter’ são os componentes dos tempos compostos de todos os verbos, compreendidos ‘ser’ e ‘estar’, mas que são parte integrante e adjectiva dos tempos simples d’elles, e a unica origem das suas terminações diversas. Já Duarte Nunes de Leão o tinha observado quanto ao futuro e condicional em ‘ei’, ‘ia’, v. g. ‘amarei’ formado de ‘amar-hei’, ‘amaria’ de ‘amar-havia’ [...] (Constancio, 1831, p. 109, grifos do autor).

Mais pormenorizadamente, em relação ao que denomina de ‘Futuro indeterminado’, indica: “He formado do infinitivo, com a addição do presente do indicativo de ‘haver’: ‘hei’, ‘hás’, ‘ha’, ‘hemos’, ‘heis’, ‘hão’, assim como o condicional em ‘ia’ he formado do imperfeito do mesmo verbo contrahido: ‘ia’ por ‘havia’, etc.” (Constancio, 1831, p. 116, grifos do autor).

<sup>25</sup> Esta variante gráfica – “[...] Circunlocações [...]” – ocorre em diversos momentos (Melo, 1818, p. 107, 109, 120, 132, 144, 165).

<sup>26</sup> Esta outra variante gráfica – “[...] Circumlocações [...]” ocorre noutros momentos (Melo, 1818, p. 123, 155).

<sup>27</sup> “Tempo ‘Presente’ é aquêlle, em que se-significa a existência actual: v. g. ‘sôu’ ou ‘estôu sendo’, ‘seija’ ou ‘estêija sendo’” (Melo, 1818, p. 97, grifos do autor).

<sup>28</sup> Seguem exemplos: “[...] tenho louvado [‘Pretérito Perfeito Indefinido’ do ‘Modo Indicativo’], “[...] tinha louvado [circunlocação equivalente do chamado ‘Pretérito Plusquam Perfeito’ do ‘Modo Indicativo’], “[...] terei louvado [‘Futuro Perfeito’ do ‘Modo Indicativo’], “[...] teria louvado [‘Pretérito Plusquam-perfeito’ do ‘Modo Condicional’], “[...] têna louvado [‘Pretérito Perfeito’ do ‘Modo Conjuntivo’], “[...] tivesse louvado [‘Pretérito Plusquam Perfeito’ do ‘Modo Conjuntivo’], “[...] tiver louvado [‘Futuro Perfeito’ do ‘Modo Conjuntivo’]” (Melo, 1818, p. 152-160).

<sup>29</sup> Não detetámos a enunciação de qualquer exemplo que envolvesse esse verbo como ‘auxiliar’, com excepção da apresentação – então tida por duvidosa – do seu uso na formação do ‘Futuro Imperfeito’ do ‘Indicativo’ (vide nota 23).

Quanto a “‘Haver de’ [...]”, observa que, tal como “[...]‘ter de’[...]”, “[...] indica tempo futuro [...]”, assinalando, porém, ao mesmo tempo, a ‘haver de’ um valor modal: “‘Hei de ser’ [...] encerra elipse: v. g. ‘has de ser bem sucedido na tua empresa’, equivale a ‘has a perspectiva, a probabilidade’ ou ‘a certeza de ser bem sucedido, etc.’” (Constancio, 1831, p. 131-132, grifos do autor).

Poucos anos depois, em 1852 [1837], António Manuel da Silva Pinto Abreu (1803-1885) refere-se aos “[...] Circumloquios” (Abreu, 1852, p. 29, 30) do ‘infinitivo impessoal’. Por seu turno, Francisco Soares Ferreira (1777-ca 1831), a propósito da voz passiva analítica, utilizara, de forma sinonímica, os termos “[...] ‘perífrase’ ou rodeio” (Ferreira, 1819, p. 32, grifo do autor). Quanto aos ‘verbos auxiliares’, apresentam-se como tais, em Ferreira (1819) e Abreu (1852), ‘ser’, ‘ter’ e ‘haver’, para a conformação dos tempos compostos dos verbos, exprimindo variações de significação na voz ativa ou na voz passiva. Da mesma opinião partilha, em 1819, Antonio Leite Ribeiro (1785-1829).<sup>30</sup>

Em 1844, Francisco Ferreira de Andrade Junior (1806-1881) aponta, como ‘auxiliares do verbo’, formas que designam ‘começo de existência’ (‘ir’ ou ‘var’ + infinitivo impessoal, ‘vir a’ + infinitivo impessoal),<sup>31</sup> ‘continuação’ (‘ir’ ou ‘var’, ‘vir’, ‘andar’, ‘estar’ + gerúndio da forma verbal que exprime a existência cuja continuação queremos enunciar),<sup>32</sup> ‘existência completa e perfeita’ (‘ter’ ou ‘haver’ seguidos do que chama de ‘supino’ do verbo que significa a existência que concebemos como completa e perfeita),<sup>33</sup> ‘existência perfeita no pensamento e futura na execução’ (‘ter’ ou ‘haver’ seguidos de infinitivo impessoal do verbo que exprime essa existência ligado ao verbo auxiliar por meio da preposição ‘de’; ‘estar’ seguido do verbo que exprime essa existência ligado ao verbo auxiliar por meio da preposição ‘a’ ou da preposição ‘para’)<sup>34</sup> (Andrade Junior, 1844). Sublinha que as “[...] fórmulas verbaes que empregamos como auxiliares perdem neste emprego a sua significação própria” (Andrade Junior, 1844, p. 68), sendo apenas por analogia com essa significação que exprimem os diversos pontos de vista da existência de um sujeito. Na formação da voz passiva analítica, não classifica o verbo ‘ser’ como auxiliar e distingue a voz passiva sintética da voz ativa reflexa (Andrade Junior, 1844).

Em 1870, Augusto Epiphanyo da Silva Dias (1841-1916) usa a forma de adjetivo “[...] periphrasticas [...]”<sup>35</sup>, aplicada ao que chama de “[...] vozes passivas portuguezas [...]” (Dias, 1870, p. 59): considera que os tempos da voz passiva de um verbo são construídos por meio dos tempos do verbo ‘ser’, correspondentes aos tempos da voz ativa, acompanhados do ‘particípio simples do pretérito perfeito passivo’ do verbo transitivo a marcar com a dita voz (Dias, 1870).<sup>36</sup>

Seguindo a linha de raciocínio do autor, os tempos compostos constituíam construções perifrásticas:

O conjunto de uma flexão de uma palavra variável com outra ou outras palavras, que equivale a uma nova flexão, não conservando claramente as palavras do conjuncto, na sua totalidade ou em parte, o seu valor individual, chama-se ‘uma forma periphrastica’ da primeira palavra. Exemplo: ‘tenho louvado’ é uma forma periphrastica do verbo ‘louvar’ (Dias, 1870, p. 21, grifos do autor).

Construções como a indicada incluíam uma segunda forma que “[...] é, com efeito, originariamente o participio passivo do preterito [...]”, “[...] [legado] ás linguas neo-latinas pelo latim popular [...]” (Dias, 1870, p. 60, nota 2), não representando, portanto, o supino latino, como vários gramáticos tinham feito crer ao longo da história da língua. Ultrapassa, assim, a diferença, que se vinha tornando prevalente no discurso metalinguístico, entre participio declinável e participio indeclinável. Interessante, porém, é o facto de dar conta de que a “[...] significação individual [...]” das “[...] palavras que entram na formação dos tempos compostos [...]” teria desaparecido (“[...] obliterou-se [...]”), “[...] passando ellas a ter somente um valor de conjunto [...]”, o que “[...] deu lugar a que o participio podesse tornar-se invariável” (Dias, 1870, p. 60-61, nota 2, p. 60).

<sup>30</sup> O período de vida desta personalidade está atestado (Portugal, Biblioteca Nacional, 1999).

<sup>31</sup> “‘Vou ler.’ ‘Para que venhas a saber, é mister que estudeis” (Andrade Junior, 1844, p. 65-66, grifos do autor). Os auxiliares ‘ir’ ou ‘var’ “[...] significação hum começo d’existencia só posterior á época da auxiliar; ‘vir a’, alem da posterioridade do começo da existencia, denota que elle é precedido de certo progresso que o prepara” (Andrade Junior, 1844, p. 66, grifos do autor).

<sup>32</sup> “[...] Novos mundos ao mundo ‘irão mostrando’”. “Ja Phlegon e Pyrois ‘vinhão tirando’ o carro radiante”. “‘Ando estudando’ latim”. “‘Estou lendo’” (Andrade Junior, 1844, p. 66, grifos do autor: os dois primeiros exemplos são citações de obras não identificadas pelo mesmo). Os verbos ‘ir’ ou ‘var’ são aplicados, enquanto auxiliares, quando “[...] queremos denotar continuação de existencia, que é como um movimento progressivo que parte de um ponto para outro qualquer fóra de nós” (Andrade Junior, 1844, p. 66). Aplica-se o auxiliar ‘vir’, quando “a continuação a exprimir é como um movimento que partindo de fóra de nós se dirige para o logar onde estamos” (Andrade Junior, 1844, p. 66). O verbo auxiliar ‘andar’ é usado “[...] quando queremos exprimir existencia cujos momentos vão successivamente progredindo, talvez com interrupção” (Andrade Junior, 1844, p. 66). Usa-se do auxiliar ‘estar’, “[...] quando a continuação da existencia leva envolta a ideia de permanencia” (Andrade Junior, 1844, p. 67).

<sup>33</sup> “Os Romanos nunca entravam em combate sem que primeiro ‘tivessem consultado’ os agouros” (Andrade Junior, 1844, p. 67, grifo do autor no âmbito de uma citação de uma obra não identificada). Não surge, no âmbito do tratamento feito, um exemplo que envolva o verbo auxiliar ‘haver’.

<sup>34</sup> “‘Tenho’ de chamar: ‘tive’ de chamar. ‘Tenho’ de ser chamado: ‘tive’ de ser chamado” (Andrade Junior, 1844, p. 67-68, grifos do autor). O verbo auxiliar ‘ter’ denota “[...] existencia cuja execução é ‘dever’ ou ‘necessidade’” (Andrade Junior, 1844, p. 67-68, grifos do autor). “‘Hei’ de chamar”: o verbo auxiliar ‘haver’ exprime “[...] existencia cuja execução não envolve a ideia de necessidade ou dever” (Andrade Junior, 1844, p. 68, grifos do autor). “‘Está a’ rebentar uma guerra”: “[...] a proximidade que queremos exprimir é maior”; “‘Está para’ rebentar uma guerra”: “[...] a proximidade que queremos exprimir é menor” (Andrade Junior, 1844, p. 68, grifos do autor).

<sup>35</sup> Usa, também, o termo “[...] circumloquio [...]” para se referir a adjetivos comparativos e aos superlativos formados com advérbios, casos em que “[...] se conserva] o valor individual dos elementos” (Dias, 1870, p. 114, nota 1).

<sup>36</sup> A título de exemplo, “[...] sou amado, amada” (Dias, 1870, p. 60).

Entende que o ‘particípio do presente’ se emprega, principalmente, com os verbos ‘andar’, ‘estar’ e ‘ir’, formando “[...] uma conjugação composta [...]”, “[...] para indicar uma acção na sua continuidade, ex.: ‘Anda escrevendo (a escrever) uma comédia’ [...]”, “[...] para indicar um presente de um modo preciso, ou uma acção na sua continuidade, ex.: ‘Estou escrevendo (a escrever)’ [...]” e “[...] para indicar, entre outras cousas, a realização gradual d’um facto, ex.: ‘A vermelhidão foi avultando’” (Dias, 1870, p. 129, grifos do autor).

Mais adiante, observa o autor que o infinitivo (“[...] infinito [...]”) impessoal pode ser “[...] complemento especial [...]” de verbos, “[...] constituindo com eles, por assim dizer, uma forma verbal composta [...]”, embora tenham “[...] sujeito commum [...]”: refere-se a “[...] ‘acabar de’, ‘cessar de’, ‘começar (de)’, ‘continuar a (de)’, ‘costumar’, ‘chegar a’, ‘desejar’ e synonymos, ‘dever’, ‘deixar de’, ‘deixar-se’, ‘entrar a’, ‘estar a’, ‘ser feito’, ‘haver de’, ‘lançar-se a’, ‘meter-se a’, ‘ser mandado’, ‘ousar’, ‘poder’, ‘por-se a’, ‘querer’, ‘recusar’, ‘saber (ter sciencia para, poder)’, ‘ter de’, ‘tratar de’, ‘tornar’, ‘vir’” (Dias, 1870, p. 136, grifos do autor; cf. p. 102). Nestes casos, afirma Epiphanyo, “[...] convem considerar os verbos como ‘não formando oração’, e aggregá-los á oração a que pertence o verbo subordinante” (Dias, 1870, p. 147-148, grifo nosso). O autor fornece uma regra que funciona como um teste sintático:

Quando são complementos de um infinito que, tendo sujeito commum com o verbo subordinante, constitue com elle, por assim dizer, uma forma composta, os pronomes podem collocar-se, salva a ambiguidade – antes ou depois do verbo subordinante ou depois do infinito, nos casos em que, havendo um só verbo, os pronomes teem de collocar-se antes (Dias, 1870, p. 152).

Não parece ter o autor sentido necessidade, na obra publicada em 1870, de usar, em relação a formas de verbo, o termo adjetival ‘auxiliar’, pois não encontrámos qualquer ocorrência sua.

Em 1881 [1876], consagrará à “[...] conjugação periphastica [...]” um ponto específico da sua gramática, nela identificando os “[...] verbos auxiliares [...]” ‘andar’, que, juntamente com o ‘particípio do presente’ de um verbo ou o ‘presente infinitivo’ preposicionado por ‘a’, serve para exprimir que “[...] uma pessoa ou cousa se occupa prolongadamente em uma acção [...]”<sup>37</sup>; ‘ir’, que, juntamente com o ‘particípio do presente’ de um verbo, exprime “[...] a realização gradual de uma acção [...]”, enquanto, com o ‘presente infinitivo’ de um verbo, “[...] exprime o futuro immediato [...]”<sup>38</sup>; ‘vir’, que, seguido do ‘particípio do presente’ de um verbo, exprime a referida realização gradual de uma situação,<sup>39</sup> equivalendo, contudo, quando seguido de infinitivo preposicionado por ‘a’ de “[...] certos verbos [...]”, aos ditos verbos empregues por si mesmos<sup>40</sup>; ‘estar’, que, seguido do ‘particípio do presente’ ou do ‘presente infinitivo’ preposicionado por ‘a’ de um verbo, “[...] exprime de um modo preciso que uma acção está começada mas não acabada [...]”<sup>41</sup>, podendo, todavia, ser seguido do infinitivo preposicionado por ‘para’, caso em que “[...] exprime que um acção está proxima de ser praticada [...]”<sup>42</sup>; ‘ter’ e ‘haver’, seguidos de um infinitivo preposicionado por ‘de’, exprimem “[...] a necessidade de praticar uma acção [...]”,<sup>43</sup> embora, quando marcado pelo presente do indicativo, o verbo auxiliar ‘haver’ “[se empregue] muitas vezes em lugar do futuro imperfeito dos verbos, para exprimir a resolução assente de praticar uma acção, ou a certeza de que uma cousa acontecerá”<sup>44</sup> (Dias, 1881, p. 56-57, ‘Obs. 1’; p. 135, ‘Obs. 1’). Mantém, entretanto, nesta época, a ideia de haver construções com verbos acompanhados de “[...] um simples infinitivo”, não formando este uma oração à parte (Dias, 1881, p. 134-135)<sup>45</sup>.

À guisa de conclusão, poder-se-á dizer que, em 1870, se dá uma maturação significativa da aplicação do conceito do termo (‘verbo auxiliar’) que viria a usar explicitamente a partir de 1876, tendo verificado Epiphanyo, naquele ano, a existência de verbos que lhe pareciam manter um comportamento semelhante ao prestado pelos verbos auxiliares relativamente aos auxiliados. O termo ‘perífrase’, associado ao ‘verbo’, parece surgir, pela primeira vez, em 1819, pela pena de Francisco Soares Ferreira.

<sup>37</sup> Os exemplos fornecidos são os seguintes: “[...] ‘ando estudando’” e “[...] ‘ando a estudar’” (Dias, 1881, p. 56, grifos do autor).

<sup>38</sup> “A vermelhidão foi avultando”; “[...] ‘vou estudar’”, respetivamente (Dias, 1881, p. 56, grifos do autor).

<sup>39</sup> Exemplifica com a estrutura “[...] ‘vinha amanhecendo’” (Dias, 1881, p. 56, grifo do autor).

<sup>40</sup> “Isto vem a significar’ é quase o mesmo que: ‘isto significa’. (‘Vir a ser’ muitas vezes quer dizer ‘tornar-se’)” (Dias, 1881, p. 57, grifos do autor).

<sup>41</sup> “‘Estava estudando’, ou ‘a estudar’” (Dias, 1881, p. 56, grifo do autor).

<sup>42</sup> A estrutura ilustrativa a que recorre é “[...] ‘estou para partir’” (Dias, 1881, p. 56, grifo do autor).

<sup>43</sup> “‘Todos temos (havemos) de morrer’” (Dias, 1881, p. 56-57, grifo do autor).

<sup>44</sup> Exemplifica assim: “‘hei-de estudar’” (Dias, 1881, p. 57, ‘Obs. 1’, grifo do autor).

<sup>45</sup> Afirma que se constroem com um ‘simples infinitivo’ e sem preposição os verbos ‘poder’, ‘parecer’, ‘costumar’, ‘soer’, ‘saber’ (com o significado de “[...] ter sciencia para, poder”), ‘ousar’, ‘não duvidar’, ‘recear’, ‘propor-se’, ‘tencionar’, ‘empreender’, ‘intentar’, ‘meditar’, ‘projetar’ (“[...] e os de significação semelhante”), ‘tentar’, ‘recusar’, ‘merecer’ (Dias, 1881, p. 135). Com ‘simples infinitivo’, sem preposição ou com a preposição ‘de’, diz que se constroem os verbos ‘dever’ e ‘dignar-se’. Com ‘simples infinitivo’ e com a preposição ‘a’, constroem-se, segundo o autor, os verbos ‘antecipar-se’, ‘apressar-se’, ‘tardar’, ‘continuar’, ‘principiar’, ‘entrar’, ‘pôr-se’, ‘chegar’, ‘tornar’, ‘atrever-se’, ‘abalancar-se’, ‘lançar-se’, ‘meter-se’, ‘resolver-se’, ‘decidir-se’, ‘determinar-se’ “[...] e todos aquelles que podem construir-se com um substantivo abstracto regido da preposição ‘a’” (Dias, 1881, p. 135, grifo do autor).

## Considerações finais

Do estudo que efetuámos, decerto incompleto, enfatizamos o facto de a consciência metalinguística relativa ao recurso a verbos ancilares para o transporte de noções de voz, de tempo, de aspeto e de modalidade se ter, na generalidade, desenvolvido paulatinamente, com progressões e aparentes regressões (por falta de fundamentação de algumas asserções), talvez em virtude, sobretudo, do condicionamento dos esquemas conceptuais da gramática latina, nem sempre interpretados da mesma forma, na sua adaptação ao Português.

Tal situação implicou que se fossem propondo expressões terminológicas alternativas, a fim de que fossem abarcadas formulações linguísticas semântico-sintáticas distintas, não se tendo dado, por vezes, relevo ao facto de que podem ou não ser aplicáveis a uma mesma configuração de conteúdo (lexical e gramatical), suscetível de veicular uma mesma intenção de comunicação, diferentes revestimentos exteriores (ou seja, de cariz sintático, em função da necessária compatibilização de elementos linguísticos integrativos de diversas classes de palavras).

Entretanto, não é despidendo o facto de, em 1819, se ter utilizado, ao que parece pela primeira vez no discurso metalinguístico do Português, o termo ‘perífrase’ associado ao ‘verbo’, independentemente do amadurecimento que, posteriormente, viria a assumir o conceito que o integra, dada a importância da especialização do termo na retoma feita no âmbito da metalinguagem portuguesa.

Estamos, assim, cientes das dificuldades inerentes à perspetivação diacrónica da terminologia metalinguística que esteve sob nosso escopo, ainda hoje não consensual.

## Referências

- Abreu, A. M. S. P. (1852). *Novo Methodo para aprender a grammatica portugueza*. Porto, PT: Typografia de F. P. d’Azevedo.
- Academia das Ciências de Lisboa. (1793). *Diccionario da lingoa portugueza* (Tomo Primeiro A). Lisboa, PT: Oficina da mesma Academia.
- Alzamora, H. I. (2018). *As perífrases verbais no português europeu contemporâneo* (Tese de Doutoramento). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Andrade Junior, F. F. (1844). *Principios de grammatica portugueza*. Funchal, PT: Typographia Nacional.
- Argote, J. C. (1725). *Regras da lingua portugueza, espelho da lingua latina, ou dispozição para facilitar o ensino da lingua latina pelas regras da portugueza*. Lisboa Occidental, PT: Oficina da Musica.
- Assunção, C. (2000). *A arte da grammatica da lingua portugueza de António José dos Reis Lobato. Estudos, edição crítica, manuscritos e textos subsidiários*. Braga, PT: Academia das Ciências de Lisboa.
- Bacellar, B. de L. M. (1783). *Grammatica philosophica, e orthographia racional da lingua portugueza*. Lisboa, PT: Offic. de Simão Thaddeo Ferreira.
- Barbosa, J. S. (2004). *Gramática filosófica da língua portuguesa (1822)*. Lisboa, PT: Academia das Ciências de Lisboa.
- Barros, J. (1971). Gramática. In J. Barros, *Gramática da língua portuguesa: cartinha, gramática, diálogo em louvor da nossa linguagem e diálogo da viciosa vergonha* (p. 292-410). Lisboa, PT: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Bluteau, R. (1712a). *Vocabulario portuguez, e latino*. Coimbra, PT: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- Bluteau, R. (1712b). *Vocabulario portuguez, e latino*. Coimbra, PT: Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- Bluteau, R. (1713). *Vocabulario portuguez, e latino*. Coimbra, PT: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu.
- Bluteau, R. (1720a). *Vocabulario portuguez, e latino*. Lisboa, PT: Oficina de Pascoal da Sylva, Impreffor de Sua Mageftade.
- Bluteau, R. (1720b). *Vocabulario portuguez, e latino*. Lisboa, PT: Oficina de Pascoal da Sylva, Impreffor de Sua Mageftade.
- Bluteau, R. (1721). *Vocabulario portuguez, e latino*. Lisboa Occidental, PT: Oficina de Pascoal da Sylva, Impreffor de Sua Mageftade.
- Câmara Junior, J. M. (1976). *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Padrão.
- Cardoso, J. (1569/1570). *Dictionarium latinolusitanicum [et] vice versa lusitanico latinum, CVM*. Conimbricae, PT: Joan Barrerius. Recuperado de <http://clp.dlc.ua.pt/DICIweb/default.asp?url=Concordancias&opcao=multitexto>

- Cardofum, H. (1569/1570). *Dictionarium latinolufitanicum [et] vice versa lufitanico latinũ, cum adagiorum fere omnium iuxta feriem alphabeticam per utili expositione: Ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione. Item de monetis, ponderibus, [et] menfuris, ad præsentem ufum accommodatis*. Conimbricæ, PT: Joan Barrerius.
- Carmelo, L. M. (1767). *Compendio de orthographia, com sufficientes catalogos, e novas regras paraque em todas as provincias, e dominios de Portugal, possam os curiosos comprehender facilmente a orthologia, e Profódia, isto he, a recta pronunciaçam, e accentos proprios, da lingua portugueza: accrescentado com outros novos catalogos, e explicaçam de muitos vocabulos antigos e antiquados, para intelligencia dos antigos Escriitores portuguezes; de todos os termos vulgares menos cultos, e mais ordinarios, que sem algũa neecessidade nam se-devem ufar em Discursos eruditos; das Frafes, e dicçoens cómicas de mais frequente ufo, as quaes sem hum bom discernimento nam se devem introduzir em Discursos graves, ou sérios; e fina'mente dos vocabulos, e diverfos Abufos da plebe, mais conhecidos, e contrarios ao noffo idioma, os quaes sempre se-devem corrigir, ou evitar*. Lisboa, PT: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.
- Casimiro, J. J. (1803). *Methodo grammatical resumido da lingua portugueza* (2a. ed.). Porto, PT: Offic. de Antonio Alvarez Ribeiro.
- Constancio, F. S. (1831). *Grammatica analytica da lingua portugueza*. Paris, FR: J. P. Aillaud.
- Dias, A. E. S. (1870). *Grammatica practica da lingua portugueza para uso dos alumnos do primeiro anno do curso dos lyceus*. Porto, PT: Typographia do Jornal do Porto.
- Dias, A. E. S. (1881). *Grammatica portugueza elementar*. Porto, PT: Livraria Universal de Magalhães & Moniz – Editores.
- Ferreira, F. S. (1819): *Elementos de grammatica portugueza, segundo a doutrina dos melhores gramáticos para aplanar a' mocidade o estudo da sua lingua*. Lisboa, PT: Impressão Regia.
- Feyjo', J. M. M. (1734). *Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portugueza*. Lisboa Occidental, PT: Officina de Miguel Rodrigues, Impreffor do Senhor Patriarca.
- Fleischman, S. (1982). *The future in thought and language: diachronic evidence from romance*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Lião, D. N. (1606). *Origem da lingoa portuguesa*. Lisboa, PT: Impreffo por Pedro Crasbeeck.
- Marouzeau, J. (1961). *Lexique de la terminologie linguistique (Français, Allemand, Anglais, Italien)*. Paris, FR: Librairie Orientaliste Paul Geuthner.
- Meldola, A. (1785). *Nova grammatica portugueza dividida em VI partes a saber: I orthographia. 2 etymologia. 3 syntaxe. 4 Profodia com supplemento 5 lavores da lingoa. 6 Miscellanea*. Hamburgo, DE: Officina de M. C. Bock, a cuftas do Author.
- Melo, J. C. C. (1818): *Gramática filósofica da linguagem portuguêsza*. Lisboa, PT: Impressão Régia.
- Nunes, J. J. (1989). *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. Lisboa, PT: Clássica Editora.
- Oliveira, F. de (2000). *Gramática da linguagem portuguesa (1536)* (Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres & Carlos Assunção, com um estudo introdutório do Prof. Eugenio Coseriu). Lisboa, PT: Academia das Ciências de Lisboa.
- Portugal, Biblioteca Nacional. (1999). *Catálogo da coleção de códices: COD 12888-13292 / Biblioteca Nacional. Introdução, catalogação e índices por Teresa A. S. Duarte Ferreira*. Lisboa, PT: Biblioteca Nacional.
- Raposo, E. B. P. R. (2013). Verbos Auxiliares. In E. B. P. R. Raposo, M. F. B. Nascimento, M. A. C. Mota, L. Segura, & A. Mendes (Orgs.), *Gramática do português* (Vol. II, p. 1221-1281). Lisboa, PT: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ribeiro, A. L. (1819). *Theoria do discurso applicada á lingoa portugueza; em que se mostra a estreita relação, e mutua dependencia das quatro Sciencias intellectuaes, a saber: ideologia, grammatica, logica, e rhetorica*. Lisboa, PT: Impressão Regia.
- Roboredo, A. (1619). *Methodo grammatical para todas as linguas*. Lisboa, PT: per Pedro Craesbeeck.
- Roca Pons, J. (1958). *Estudios sobre perífrasis verbales del español*. Madrid, ES: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Silva, A. M. (1789). *Diccionario da lingua portugueza composto pelo Padre D. Rafael Bluteau* (Reformado, e accrescentado, por Antonio de Moraes Silva, Tomo Primeiro [I] – A=K – / Tomo Segundo [II] – L=Z –). Lisboa, PT: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.

- Silva, A. M. (1806). *Epitome de grammatica da lingua portugueza*. Lisboa, PT: Officina de Simão Thaddeo Ferreira.
- Silva, A. M. (1813). *Diccionario da lingua portugueza*. (Recopilado dos vocabularios impressos ate' agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito accrescentado, por Antonio de Moraes Silva, Tomo Primeiro [I] – A=E – / Tomo Segundo [II] – F=Z –). Lisboa, PT: Typographia Lacerdina.
- Silvestre, J. P. (2008). *Bluteau e as origens da lexicografia moderna*. Lisboa, PT: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Souza, M. D. (1804). *Grammatica Portugueza*. Coimbra, PT: Real Imprensa da Universidade.
- Verdelho, T. (2002). O Dicionário de Moraes Silva e o início da lexicografia moderna. In B. F. Head, J. Teixeira, A. S. Lemos, A. L. de Barros, & A. Pereira (Orgs.), *História da língua e história da gramática: actas do encontro* (p. 473-490). Braga, PT: Universidade do Minho / ILCH.